



**GUIA PARA**  
**publicar na**  
**roseta**

**EDITORA DA ROSETA:** Oiê, viu que a Roseta tá de cara nova?

**PRESIDENTE DA ABRALIN:** Vi, sim, gostei bastante das cores, do novo logo, criou uma identidade visual mais sólida.

**E.R.:** Sim, o logo anterior, que lembrava a imagem da pedra de Roseta (desenterrada em 1799) tinha, como você sabe, três camadas textuais (hieróglifo, demótico e grego) e dava tanto a impressão de decifração como de tradução. Só que Thomas Young entendeu em 1814 que as três faixas de texto não correspondem exatamente a 3 línguas, porque que hieróglifos (desenhos elaborados) e demótico (meio que a estenografia dos hieróglifos) não referiam a línguas diferentes, mas a diferentes sistemas de notação. Dez anos depois, Jean-François Champollion publicou uma gramática do egípcio. No final, decifrar a pedra de Roseta (com a ajuda de muitos outros textos) significou desenterrar uma língua do esquecimento. Então, mais que decifração e tradução, a pedra Roseta simboliza um movimento das línguas naturais.

**P.A.:** Caramba, ouvir sobre a dimensão da importância da pedra de Roseta é sempre inspirador. Aliás, navegando nessa inspiração, a nova identidade visual dá margem pra várias interpretações, não é? Eu vejo um túnel, ou seja, mergulhar num tema... mas também vejo o movimento contrário, de expansão, de **alcançar outros públicos**, ou seja, popularização da Linguística.

**E.R.:** É isso. Essa identidade atual está mais abstrata, permitindo uma leitura mais aberta. Mas não é só o logo que mudou! Mudou também a forma de se comunicar e interagir com a Revista Roseta.

**P.A.:** Oxe! As pessoas não mandam mais um artigo de 4 páginas?

**E.R.:** Mandam, mas esse texto pode ser ouvido também. Ao se tornar multimodal, a Roseta se tornou mais

acessível. A acessibilidade está no contraste de cores, na tipografia – parabéns pro pessoal do Guayabo que pensou nesses detalhes! – e também no fato de que o leitor pode ser ouvinte se quiser. E mais: **a voz que lê o texto pode ser da própria pessoa que o produziu** – ou uma voz mecanizada.

**P.A.:** Então a Revista pode funcionar como pocket podcast!

**Todas essas mudanças só enfatizam a vocação da Roseta, que continua sendo a mesma: de dialogar com um público não especializado sobre questões de língua e linguagem que a Linguística estuda.**

**E.R.:** Isso! Nós, linguistas, sonhamos em ver a Linguística mais presente nas escolas. E por que não começar pela própria Roseta? Ela pode ser usada como plataforma de reflexão ou mesmo material pra ser trabalhado em sala de aula. Para isso, é preciso diálogo, não é mesmo? Foi pensando nessa direção que há mais uma novidade: quem lê, pode contar como utilizou o texto lido/ouvido e compartilhar quais repercussões ele teve na prática escolar. Assim, cada edição deixa de ser apenas leitura e passa a ser troca.

**P.A.:** E esse retorno é importante não só pra quem escreve os artigos, mas para a Linguística como um todo!

**E.R.:** Muita inovação, né? Todas essas mudanças só enfatizam a vocação da Roseta, que continua sendo a mesma: de dialogar com um público não especializado sobre questões de língua e linguagem que a Linguística estuda.

**P.A.:** Certo, então publicar na Roseta não é sobre traduzir a pesquisa de linguistas para uma linguagem simples, né?

**E.R.:** Exatamente! Na Roseta, entendemos que popularização é mais que tradução – e nesse sentido, a nova identidade visual é mais adequada: é uma vontade de comunicar com pessoas que não sejam da Linguística sobre o que o/a linguista considera importante que o público mantenha no radar. Na popularização, quem pesquisa em Linguística pode ser **criativo** em sua comunicação! As disputas teóricas, as referências bibliográficas (acadêmico abre uma tese pelas referências lá no final pra se situar),

as siglas e conceitos não fazem sentido pro público não especializado.

**P.A.:** Por que você está dizendo isso?

**E.R.:** Justamente porque muitos artigos vêm explicando a importância e aplicabilidade de um modelo teórico específico, apresentando siglas que são usadas só uma vez, referenciando autores de maneira acadêmica (SOBRENOME, ano), traduzindo o texto pra uma linguagem descolada, mas cheia de termos técnicos.

**P.A.:** Entendo. Então, o que se espera das pessoas que irão submeter seus textos na Roseta?

**E.R.:** Que a pessoa autora centre o texto num **único tema**, que esse tema seja de interesse geral – ou conectável com alguma curiosidade que o público leitor/ouvinte possa ter em relação às línguas naturais. Que trate os **autores** com os quais dialoga **como gente que faz ciência**, que trabalha em certa universidade e tem uma trajetória de pensamento deixada por escrito. Quando aparece só o sobrenome, a comunidade leitora/ouvinte pouco familiarizada com a Linguística não sabe nem a qual gênero pertence o sobrenome citado! Dar subjetividade às pessoas autoras é importante! Contar uma **história**, usar **imagens** (mesmo que metáforas) é muito mais popular que explicar teorias. Seria legal que não se usasse citações, mas se explicasse em suas palavras o que o/a outro/a escreveu.

**P.A.:** Mas, pode ter referências no final do texto?

**E.R.:** Sim! Popularização da Linguística não é ser porta-voz da academia, mas partilhar com um público não especialista caminhos para se apropriar melhor de fenômenos, ideias e conceitos debatidos na academia. Isso significa dar uma certa autonomia para o leitor/ouvinte procurar saber mais sobre o tema. O ideal é que a última parte do texto seja um **“saiba mais”** e que todos os textos referenciados no corpo do texto estejam lá, mas pode haver outros textos elencados ali

(máximo 5 referências). Textos de popularização não pretendem resolver um debate, mas mostrar que ele existe na academia e que tem efeito sobre a sociedade.

**P.A.:** Entendi. Resumindo, a Roseta é uma revista de popularização dos estudos linguísticos. Seu principal objetivo é democratizar o conhecimento, fazendo o

**diálogo público sobre temas linguísticos** com a sociedade.

Por esse motivo, o texto deve ser de **fácil compreensão** para pessoas que não possuem qualquer formação acadêmica – ou pelo menos uma formação na área de Letras ou Linguística.

**E.R.:** É isso, acredito que a aproximação entre ciência e população seja capaz de empoderar indivíduos e oferecer condições para **refletir sobre suas relações com o outro e a língua(gem)**.

**P.A.:** Mas, e quanto ao aspecto formal, quais são os requisitos? Tem que ser doutor pra submeter texto na Roseta? Precisa de versão em inglês? Quantas palavras, qual fonte, tamanho e espaçamento?

**E.R.:** Não precisa ser doutor, **precisa ser linguista** e comunicar com o público não especializado sobre um tema interessante da Linguística. Precisa ter a versão em **português** do texto, a versão em inglês é adicional e ajuda a fomentar a internacionalização da pesquisa produzida no país. Os textos devem ter, no máximo, **5.000 caracteres (excluindo-se os espaços)**. Como serão publicados no Wordpress, a fonte, tamanho e espaçamento são do site. Cada texto pode ter até **3 trechos em destaque** – e o Wordpress vai destacar parágrafos, não palavras ou sentenças dentro do parágrafo.

**P.A.:** Vai também uma minibio de quem escreveu o texto?

**E.R.:** Sim! A minibio deve incluir uma descrição do/a autor(a) que seja **compreensível para o público não especializado**. Por exemplo, em vez de “Maria Silva é doutora em Linguística com especialização em Neuro-linguística e estuda o processamento de informações sintáticas”, é mais adequado fazer a apresentação

como “Maria Silva é doutora em Linguística. Ela estuda como pessoas com afasia (que sobreviveram a um AVC e apresentam uma linguagem desviante) representam e compreendem sentenças”.

**P.A.:** Essa Maria se parece com você...

**E.R.:** Hahaha, é preciso partir de algum lugar! Na Roseta, entendemos a popularização da Linguística como uma **postura de se colocar na comunicação**. A comunicação acadêmica é impessoal, não tem humor, é argumentativa e precisa provar que o autor sabe/leu o máximo possível sobre um determinado assunto. Ao escrever textos de popularização, as pessoas autoras podem usar **ferramentas estéticas**.

**P.A.:** Pode desenhar?

**E.R.:** Claro! Todo texto de popularização tem que ter uma imagem. Se essa imagem for de qualidade

(não implicar em abuso de direitos autorais), ótimo; se for da própria pessoa autora, melhor!

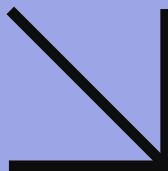
**P.A.:** Me ocorreu outra coisa: pode escrever em primeira pessoa?

**E.R.:** Pode, sim, isso faz parte do lance de “se colocar na comunicação”.

**P.A.:** Realmente, **não dá pra transformar uma pesquisa já publicada num texto de popularização com algumas operações de tradução e adaptação**. É preciso conceber uma nova forma de se comunicar com um público não especializado.

**E.R.:** E cada pessoa é livre pra inventar essa nova forma.

**P.A.:** Vida longa à nova Revista Roseta!



**Envie seu artigo**  
[roseta.org.br/submissao](http://roseta.org.br/submissao)